

ENTREVISTA

Pedro Doria

“Pagaríamos a Independência em sangue, em guerra”



Em “1789”, jornalista conta quem eram e como viveram os brasileiros que, no século XVIII, tentaram fazer do Brasil uma nação independente. Segundo o autor, boa parte dos inconfidentes era corrupta

RONDINELLI TOMAZELLI
rtomazelli@redgazeta.com.br

Uma trama envolvendo contrabandistas, assassinos e poetas alimentou o movimento de revoltosos que elevou Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ao pedestal dos mártires da História do Brasil. No livro “1789”, o jornalista e escritor Pedro Doria percorre a formação do Brasil há 225 anos ao revelar, sob novas luzes, a história dos conspiradores da Inconfidência Mineira - cujo feriado se comemora amanhã.

A busca pela “Liberdade, ainda que tardia” ganha agora um rosto sem barba: o do próprio Tiradentes, um herói cuja trajetória vai bem além do que aprendemos nos bancos escolares e na foto do barbudo líder enforcado. Ele pode não ter sido o principal nome entre os revoltosos. Nesse passeio ao final do século XVIII, os ideais iluministas da Europa se misturam aos interesses das elites brasileiras em buscar a Independência do Brasil - um colônia submetida ao comando imperial da Corte de Portugal.

Romanceando personagens, vidas e paixões num enredo literário, Doria reconstituiu esse movimento fracassado pela Independência brasileira. A narrativa mistura aventura, leveza e emoção, revelando detalhes desconhecidos da vida dos rebeldes companheiros de luta de Tiradentes - muitos deles, corruptos. Confira:

Por que outros movimentos de resistência país afora, como a Balaiada, os Farrapos e a Cabanagem, talvez não tenham a mesma dimensão ou fama histórica do que o de Tiradentes? Por que tanta mitologia em torno desse personagem? Foi porque foi enforcado ou único réu confesso? Ou porque

ele era um alferes, um “oficial” de alguma forma ligado aos interesses econômicos, militares e da burguesia local insatisfeita com a Coroa?

O que a Inconfidência tem de único é o fato de que reuniu primeiro as elites financeira, intelectual e militar de uma província num projeto de separação de Portugal com chances reais de alcançar o objetivo. Mas, ao longo do tempo, ela foi sendo transformada em mito por grupos políticos diversos. Primeiro, os republicanos no fim do Império; depois, por Getúlio no início do Estado Novo. Então pelos militares pós-64. Cada qual quis ressaltar uma “mensagem” diferente que foi afastando história de ideologia. O resultado é que o mito se sobrepôs à História até mesmo em sala de aula.

É correto dizer que, ao lado dos inconfidentes, Tiradentes foi o primeiro líder nacionalista a defender a autonomia da Colônia do Brasil, a pregar a independência e a formação de um país? Esse desejo estava inspirado pelas revoluções sociais de outros países à época? Havia uma inspiração das Revoluções Francesa e Americana, que demarcaram uma nova ordem e um novo papel do Estado?

É impossível fazer estas afirmações. Houve movimentos rebeldes antes da Inconfidência. Nem todos eram nacionalistas, nem todos desejavam a independência, mas talvez algum tenha sido. Mesmo no caso da Inconfidência Mineira, não podemos afirmar com certeza de que os revoltosos desejavam a independência de todo o Brasil. Há fortes indícios de que estavam compactuados também com os cariocas,

“

Se a revolução que os inconfidentes desejavam tivesse dado certo, e por muito pouco não deu, hoje falaríamos de três revoluções liberais: a americana, a brasileira e a francesa”

mas, se a Revolução tivesse sido disparada, é possível que a Bahia resistisse. Já a Queda da Bastilha é posterior à prisão dos inconfidentes. Mas eles claramente se inspiraram na Revolução Americana. Liam tudo o que havia sobre o tema. Tiradentes tinha um livro com as leis americanas. Se a revolução que desejavam tivesse dado certo, e por muito pouco não deu, hoje falaríamos de três revoluções liberais: a americana, a brasileira e a francesa.

Os Conjurados pretendiam o fim da escravidão? Naquela conjuntura, eles fariam uma democracia liberal surgida do povo sufocando a opressão das elites?

Os inconfidentes eram formados por grupos com interesses distintos. Alguns defendiam a abolição, caso dos fazendeiros da região de São João del-Rei. Outros, principalmente os homens de Vila Rica, eram contra. Houve quem sugerisse um meio termo: alforriar os escravos que lutassem na Guerra de Independência. Jamais chegaram a um consenso. Eles provavelmente inaugurariam uma democracia liberal, mas no sentido que o termo tinha em finais do século XVIII. É ver o caso americano: sua democracia nasceu escravista, e só proprietários de terra que fossem homens e brancos podiam votar. O sufrágio universal é do século XX.

Tiradentes também era um representante da elite do ouro que queria se livrar das escorchantes taxas cobradas pela Coroa, apesar da possível vista grossa de parte do governo para o contrabando do ouro?

Tiradentes gostava de se ver como membro da elite, mas não era. Fazia parte de uma alta burguesia que servia à elite. Era um empolgado, fazia discursos. Também um homem pouco discreto. Se expunha muito. Mas era muito carismático, ajudava a angariar simpatias para a causa. E conhecia profundamente as pessoas e os caminhos de Minas, o que seria fundamental em caso de guerra. Das taxas, todos os mineiros reclamavam. Até os pobres livres. A sensação de opressão era comungada por todos. É difícil dizer com precisão o que queria Tiradentes. Minha impressão pes-

soal é de que ele era um homem irrequieto, angustiado. Queria mudanças, mas esta era uma decisão, no caso dele, mais emocional do que racional.

Até que ponto a Conjuração foi estimulada por outros países interessados no ouro ou em controlar riquezas brasileiras, já que os inconfidentes tiveram ligações com embaixadores americanos e europeus?

Uma independência brasileira certamente beneficiaria Inglaterra e França. No caso dos Estados Unidos, também, mas era mais delicado, pois o jovem país precisava do apoio de Portugal. Os inconfidentes fizeram contatos no exterior, mas estes foram com grupos e indivíduos da iniciativa privada. Principalmente comerciantes que desejavam acesso ao rico mercado brasileiro. Não há qualquer indício de estímulo por outras nações.

Você disse que a Inconfidência fascina “pelo sonho do Brasil que poderia ter sido”. Por quê? De que forma seria concebida uma República naquele século XVIII, um país de analfabetos e ainda em formação?

Tanto Estados Unidos como França nasceram, após suas revoluções, como países de analfabetos em formação. Mas a independência teria sido nossa - e não algo concedido pelo monarca português. Teria sido uma independência custosa: pagaríamos em sangue, em guerra. E o país estabelecido por aqueles homens teria de lidar com dilemas difíceis. Escravidão? Como se elege um presidente? Quais seus poderes? Que tipo de Judiciário? Que impostos? Eles teriam de inventar um regime novo, junto com americanos e franceses. Este processo não foi fácil nos Estados Unidos. Demorou mais de um século e produziu uma Guerra Civil. Tampouco seria fácil aqui. Mas o Brasil que começaria o século XX seria um país certamente muito melhor do que o que tivemos. Este é o poder de democracias liberais. É só ver nosso caso, hoje: como avançamos em trinta anos pós Nova República, no período mais longo de democracia de nossa História.

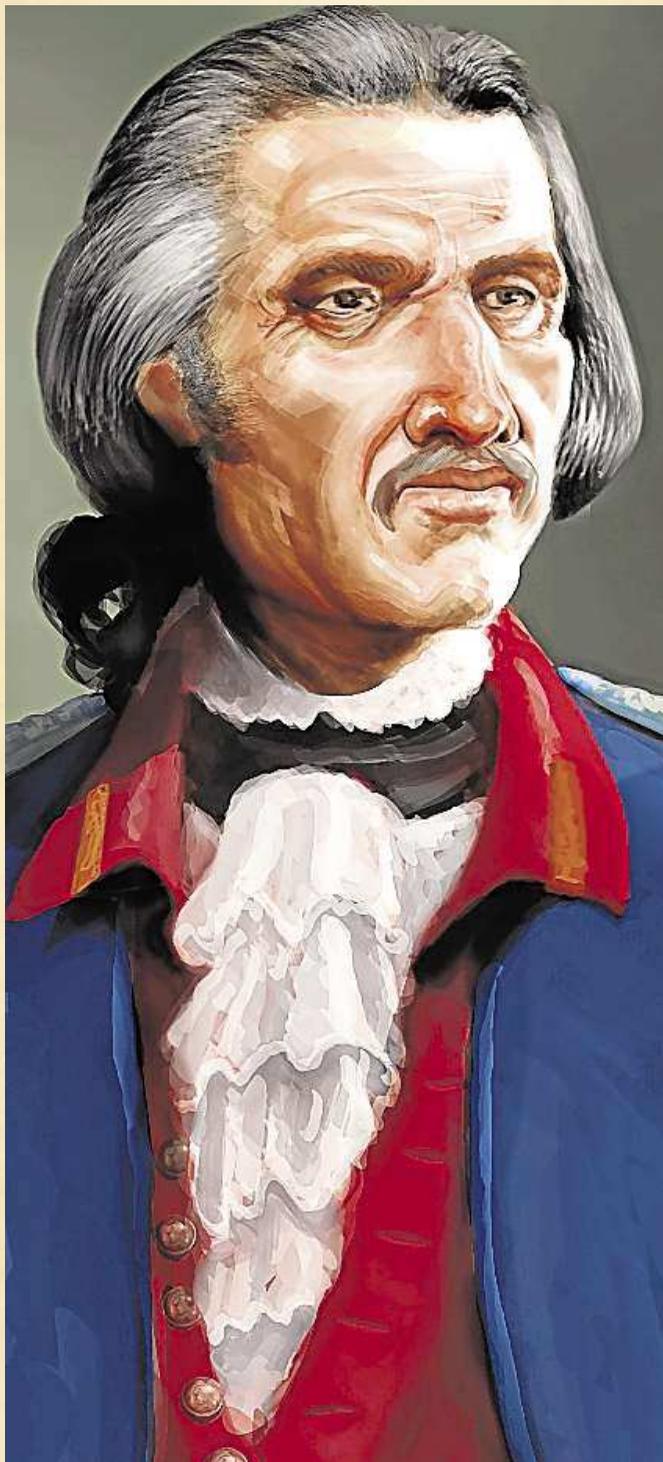
O que seria uma revolução liberal pretendida pelos conspiradores mineiros à época? Seria algo que pregasse um Estado menos intervencionista, menos corrupto?

Eles não chegaram a detalhar como seria o país. Tinham discordâncias. Mas, ao menos inicialmente, é difícil imaginar que não houvesse corrupção. Boa parte dos inconfidentes eram corruptos.

Por que historiadores modernos divergem sobre a real importância do movimento da Conjuração Mineira, mesmo depois de esse capítulo ter sido escondido pela Coroa e Tiradentes alçado a grande herói da pátria pelos republicanos?

Porque não sabemos de tudo sobre a Inconfidência. O que sabemos é o que os juizes portugueses apuraram. Mas jamais perguntaram, por exemplo, sobre aliados fora de Minas. Ou, se perguntaram, optaram por excluir do processo estas respostas. O resultado é que não podemos saber ao certo nem se a conjuração ia além das fronteiras de Minas. Assim como não podemos afirmar ao certo se Cláudio Manuel da Costa foi as-

QUEM ERA TIRADENTES



▼ Trecho do livro “1789”, de Pedro Doria

“Aos 42 anos, Tiradentes era um homem alto e já ficava grisalho. Carregava, segundo alguns historiadores, uma tênue cicatriz no rosto. À moda dos oficiais militares, mantinha um bigode bem-aparado que descia até os cantos dos lábios. Cuidava dessa aparência. Mesmo anos depois, quando já haviam confiscado quase todos os seus bens e estava a caminho da forca, ainda lhe restavam na cela os inseparáveis ferrinhos de tirar dentes, um espelho e não uma, mas duas navalhas. Seus últimos pertences. Provavelmente não se reconheceria no rosto barbado pelo qual a história oficial convencionou representá-lo”.

sassinado. Em seu depoimento, ele chegou a sugerir o apoio tácito do governador, Visconde de Barbacena. Será? Não saberemos nunca, a não ser que algum documento novo apareça. Na ausência de fatos mais concretos há espaço para interpretação. E, aí, discordâncias.

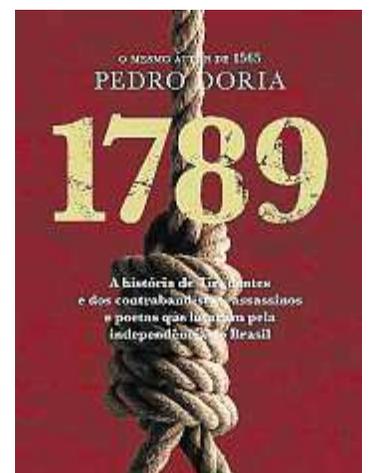
Tiradentes pode não ser o mais culto dos rebeldes, mas também não era o mais ingênuo. Quem ele era? Quem era o grande articulador desse movimento entre os poetas Inácio José de Alvarenga Peixoto, Tomás Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, o cônego Luis Vieira da Silva, os padres José da Silva e Oliveira Rolim e Carlos Correia de Toledo, entre outros entusiastas das ideias iluministas do período?

Tiradentes não devia ser o principal líder da conspiração. Alvarenga Peixoto foi mais importante. Gonzaga, é possível, também. Mas está entre os mistérios que o processo não resolve.

Qual foi o documento mais impactante que você encontrou e que ajuda a rever a Conjuração com um olhar analítico diferente do que o apresentado nos livros didáticos e na esfera da academia?

A história contada nas salas de aula é muito diferente daquela que os historiadores debatem. Em “1789”, recupero para o público geral a história que os historiadores mais recentes contam. A narrativa é mais fluida, os mitos caem por terra. Mas, ao menos, é tudo o que sabemos sobre este movimento que quase transformou o Brasil. Foi por pouco.

Rebelião foi ligada ao sonho de libertação das Américas



« Em uma Europa agitada por visionários e tomada por ideais Iluministas, intelectuais brasileiros na Universidade de Coimbra conheceram líderes como Thomas Jefferson, que sonhavam com a libertação das Américas. Editor executivo de plataformas digitais e colunista de O Globo, Pedro Doria é autor de seis livros, entre eles a narrativa histórica “1565: enquanto o Brasil nascia” (2012). Dedicado às origens do país e também editado pela Nova Fronteira, esse título impulsionou o livro da Inconfidência Mineira e futuros trabalhos em História. “O Brasil quer muito descobrir o Brasil”, diz o escritor. Com 272 páginas, “1789” traz mapas de Minas Gerais, imagens de época, cartas, documentos, escrituras e fotos de figuras históricas, como um retrato de Tiradentes feito a partir de relatos.